

JAFETE ABRAHÃO: Minha mulher, a hora que eu falei em jetom, ela: “Ah, não, pode ficar”.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O que ela não sabe...

JAFETE ABRAHÃO: É, a primeira pergunta foi?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: A questão do Inbra.

JAFETE ABRAHÃO: Essa questão do Inbra, o que você tem que entender é o seguinte, durante, no período do Golpe, essas instituições todas foram montadas dentro da concepção de que foi dado o Golpe, né. Nada de reforma agrária, porque se você lembrar bem o que que motivava o Golpe, né, era a implementação do regime comunista, era fazer reforma agrária, desapropriar, acabar com a propriedade privada. Isso foi a grande modificação, o comunismo, saía aquele pessoal todo rezando aí. A marcha com Deus pela...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Da família com Deus pela...

JAFETE ABRAHÃO: Pela família, não sei o quê, pela propriedade, né, essa concepção toda foi passada pelas instituições que tinham do governo. O Inbra, por exemplo, nacional ficou voltado única e exclusivamente para seus projetos de colonização lá no Norte do país. Era isso que era acabar com a... Eles achavam que tinha uma pressão grande dos movimentos sociais, dos trabalhadores sem-terra, dos trabalhadores de agricultura, tarará, tarará, e que a concepção deles é que tinha que acabar com essa pressão de movimentos populares. O quê que acabaria com isso? Era montar grandes projetos de colonização no Norte do país.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E levar esse povo todo para lá.

JAFETE ABRAHÃO: É, a ideia era... Não tem jeito de fazer reforma agrária no Sul. Não há possibilidade de fazer reforma agrária no Sul. Tem muita gente e pouca terra. Já tinha falado isso aqui antes. No Norte não, você tem muita terra e não tem gente, então vamos levar esse pessoal para lá com grandes projetos. E eu não sei se algum projeto, grande projeto deu certo, né. A iniciativa privada tentou, inclusive motivada pelo Inbra, entrar nessa área de colonização. Eu me lembro da Andrade Gutierrez, era uma empresa que entrou nessa área de implementação de projetos de colonização. E foi visitando uma dessas fazendas que estava em crise, o quê que aconteceu? O projeto não avançou. Na Ditadura não deu tempo de fazer. Veio a abertura, né, e os colonos, os posseiros invadiram, os sem-terra invadiram, ou foram até mobilizados pelos grandes proprietários que invadissem essas terras, porque seria uma maneira de força o governo a desapropriá-las, e um projeto que não tinha dado certo, eles poderiam reverter em grandes lucros vendendo essas áreas para o Governo através da desapropriação. Então essas ocupações foram inclusive induzidas por esses grandes proprietários. Então a formação... A formação cultural dessas instituições, tanto regionalmente como nacionalmente, ela era voltada para os

grandes fazendeiros, né. O Adson sai daqui, vai para o Geisel, no Governo do Geisel. Ele vai para Brasília e lança esses grandes projetos, grandes programas de modernização da agricultura, que o pessoal chamava de modernização conservadora, ou seja, você moderniza a produção agrícola, mas não moderniza a questão da estrutura fundiária. Mantém as grandes propriedades, você mantém...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Legítima elas.

JAFETE ABRAHÃO: É, legítima, dá todo o apoio para que isso ocorra, né. Ih, pegou em você?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Tem problema não.

JAFETE ABRAHÃO: Tem água ali, ó.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Então essas órgãos, Incra e Ruralminas acabaram legitimando isso.

JAFETE ABRAHÃO: Dentro da cultura vigente à época.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Eles faziam tudo era isso. Quando o pessoal do Incra começou a moldar a cultura com o trabalho, o pessoal de Brasília, aqui, né, a gente conseguiu descobrir no Incra pessoas com posições políticas avançadas, aqui no Incra a gente teve várias pessoas que passaram a ser importantes para quem estava chegando. Porque já tinham movimentos dentro desses órgãos. Que era minoria, né, mas eu disse que o movimento e uma concepção de reforma agrária, essas coisas todas.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E isso também só foi possível depois do Governo Sarney?

JAFETE ABRAHÃO: Sim. Na hora que introduziu, entrou o novo governo, eleito indiretamente, mas democrático, esse pessoal começou a aparecer. Uns apareceram porque tinha culturalmente e outros por oportunismo, né, mudou a regra do jogo, ele adere, né,

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Então quer dizer, essas empresa que iam a campo, muitas vezes elas, também entre elas tinha a diferença de concepção, de visão?

JAFETE ABRAHÃO: Tinha. O movimento, mas a maioria, né, e tinham os diretores também que faziam parte dessa concepção. E na hora de selecionar as empresa e tal, era o fazendeiro que tinha algum problema, não sei o quê, produtividade... Porque tinha o Incra, tinha um sistema que a gente adotava que era a questão dos índices de produtividade. O cara prometer determinadas coisas, ele tinha que ter determinados índices de produtividade. Tanto é que o Incra dava prêmio para eles fazer, eu tenho lá umas três, quatro medalhas, que eu ganhei lá em Brasília... Não, uma só, ganhei lá em Brasília interessantemente. Mas esse pessoal do Incra era voltado para isso.

Começamos a enfrentar resistência. Conto uma história de Brasília. O cara, nós negamos qualquer coisa para ele lá. Ele foi à Brasília, pediu uma reunião com o ministro. Dois casos. Um, não, não lembro o quê que era, não pode ser pedido, tal. “Mas eu tenho essa medalha aqui que eu sou um...” Ah, nós estávamos declarando que a área dele era improdutiva.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Improdutiva.

JAFETE ABRAHÃO: É, ele falou: “Mas eu tenho isso aqui que eu ganhei uma medalha e tal”, “O senhor vai nos desculpar, mas pelo levantamento feito agora, o senhor não tem essa produtividade.” Aí o cara pegou a medalha e falou: “Vocês querem saber de uma coisa?” Jogou a medalha na mesa e falou assim: “Vocês enfiem essa medalha no...” Na frente do ministro, do presidente do Incra. Jogou a medalha, falou: “Ó, você pega essa medalha e enfia no...” e foi embora. Um outro, aconteceu a mesma coisa ele falou assim: “Se vocês desapropriarem a minha terra, vocês não vão conseguir. Se conseguirem, eu ando pelado na Praça dos Três Poderes para demonstrar para vocês que vocês não tem esse poder que vocês estão achando que tem.” Passado uns dois meses e tal, o telefone vermelho do ministro toca, ele atende. “Ah, sim presidente, ah, sim. Muito obrigado, hein. Isso é muito importante.” Desligou e falou, reunião do conselho diretor, “A fazenda do fulano foi desapropriada”, Aí todo mundo: “Ah, que bom e tal.” Eu levantei a mão: “Ministro, o quê que o senhor acha da gente cobrar do fazendeiro cumprir a promessa dele?” O ministro... Mas foi um momento assim, de relaxamento, ele falou: “Telefona você para ele.”

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E o Antônio Luciano?

JAFETE ABRAHÃO: Doutor Antônio Luciano. Antônio Luciano, ele era o grande proprietário, tinha três grandes proprietários de terra em Belo Horizonte. Dois... A Comiteco, ele e o Banco da Lavoura. Eram os grandes proprietários de terra em Belo Horizonte. O Luciano era um sujeito extremamente inteligente, 1,60 de altura, médico e tudo que se falava dele era verdade. Aquela quantidade de filho.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: De mulher.

JAFETE ABRAHÃO: Cruzamento de mulher e tinha filho com filha, tinha essa coisa. Ele foi, ele foi desapropriado nos anos... Setenta e pouco pelo Alisson Paulinelli, quando ministro da agricultura. Eles desapropriaram a área do Padapi. Esse aí do...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Alto Paranaíba.

JAFETE ABRAHÃO: Do Alto Paranaíba. Desapropriou 78 mil hectares dele. Ele entrou na justiça, tentando falar que aquilo era empresa agrícola e como tal tinha que ser paga em dinheiro e pelo valor atualizado. Isso ficou na justiça e foi, foi, foi... Ele conseguiu vencer algumas aqui no Estado

e isso foi parar, porque a União foi obrigada a recorrer, isso está no Supremo Tribunal Federal para ser discutido.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Até hoje?

JAFETE ABRAHÃO: Até hoje. E esse troço não decide, porque se decidir, o valor é tão grande que quebra o país. Porque são 78 mil hectares, quando na época não tinha nada lá, era cerrado, terra muito ruim. Ele ganha na justiça, é empresa agrícola, é o preço atual. Entendeu? As estradas, os benefícios, tudo que foi feito naquela região, acrescenta e vai para o valor da terra, então tem que receber pelo valor atual. Isso simplesmente acabaria com, daria um rombo. Ele, ele era tão potente, tão firme, tão forte que lá na região do São Francisco, ele desviou, ele desviou um rio.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Rio Urucuia.

JAFETE ABRAHÃO: Hein?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Urucuia.

JAFETE ABRAHÃO: Ele desviou o Rio Urucuia para aumentar...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: A fazenda dele.

JAFETE ABRAHÃO: A fazenda dele. Ele tinha por hábito visitar, não, ele tinha dois caras que visitava Minas Gerais todos os municípios. O cara ia no cartório. Pegava informação e tal. Então no interior tem muito caso de cara que não ter herdeiro, doa para a Santa a terra.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Doa para a Santa?

JAFETE ABRAHÃO: É, a expressa popular e tal. Como não tem o santo que vai tomar conta, né, ou entrega para o padre, o padre também não toma nenhuma providência. Ele faz esse levantamento. Ele vai no cartório, busca, tem essa terra, tem as histórias e tal. Cara faz o levantamento, ele faz o processo, fazia um processo de ocupação, utilizava, em alguns momentos, da Ruralminas.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Fazia um favor.

JAFETE ABRAHÃO: Para legitimar aquela terra em nome dele. Ia pegando essas terras que não tinham dono, passavam a ser dele. Então ele tinha, ele tinha, em Minas Gerais, dezenas de dezenas de propriedade...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Grilada.

JAFETE ABRAHÃO: É, porque os caras morriam, não tinha descendente, eram marido e mulher. Morria o marido, morria a mulher, virava o Santo. E ele assumia isso através de levantamento desse pessoal. Especialistas em questão fundiária e questão de direito cartorial.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E aí, com esse documento, ele ia, chegava lá e expulsava os moradores?

JAFETE ABRAHÃO: Quem tinha lá, ele conseguia expulsar. Os posseiros. Ele era um leão, viu?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Podia ir para a Serra dos Ausentes também.

JAFETE ABRAHÃO: Ausentes que chama?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É Terra de Ausente e Terra da Santa é a mesma coisa.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Mesma coisa?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Mesma coisa.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Expressão.

JAFETE ABRAHÃO: Então ele construiu a fortuna dele lá assim. Aqui em Belo Horizonte, com os lotes, ele foi a senhoria dessas áreas todas que não tinham limites. Que Belo Horizonte, na escritura, na desapropriação que o Estado fez de Belo Horizonte, era para ter 300 mil habitantes e tal e ele inteligentemente foi se assenhorando dessas áreas que não tinha...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Dono.

JAFETE ABRAHÃO: Dono, né, e o quê que ele fazia? Ele pegava a terra, cercava, plantava eucalipto.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aqui também?

JAFETE ABRAHÃO: É, plantava eucalipto, você vê que tem muito eucalipto. Hoje não tem mais. Muito eucalipto em Belo Horizonte, e fazia um campo de futebol e entregava para uma associação dos moradores no torno da propriedade. Então não tinha polícia, não tinha nada melhor para tomar conta do que os caras que tinham um campo e futebol, e para mostrar que ele era proprietário, não era uma área improdutiva, ele tinha lá um lote, tinha lá os eucaliptos plantados. Ele, eu o conheci pessoalmente, ele, através de um funcionário da Ruralminas... Não, através de um funcionário da Ruralminas que me telefonou que o Antônio Luciano queria uma entrevista comigo, se eu poderia recebê-lo. "Claro, recebo." Recebia todo mundo. Botava o Antônio Lins junto comigo. Ele me fez uma proposta assim, fomos, conversamos. Com a minha habilidade, ele foi embora. Telefonou de novo, pediu uma nova entrevista, eu concedi. Ele foi lá. E me fez uma proposta sobre essa gleba desapropriada. Ele fez a seguinte proposta para mim. "Doutor, o senhor sabe", ele, no escritório dele em Belo Horizonte, Cine Brasil...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Que era ali, né,

JAFETE ABRAHÃO: É, uma parede grande assim. Ele botou uma fotografia do Alisson Paulinelli.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O ideólogo dele.

JAFETE ABRAHÃO: Ideólogo não, ele tinha ódio, que tinha desapropriado ele.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Era o que desapropriou. Aí ele botou a cara dele lá para poder alimentar o ódio dele.

JAFETE ABRAHÃO: Manter o ódio dele.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Alimentar o ódio.

JAFETE ABRAHÃO: Ele só ficaria satisfeito o dia que ele conseguisse matar o Alisson ou ele morresse de morte sei lá o quê? Ele tinha ódio do homem.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Primeira pessoa.

JAFETE ABRAHÃO: 78 mil metros, 78 mil hectares.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Pegou uma área gigante.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O senhor viu essa parede.

JAFETE ABRAHÃO: É, ele me procurou. Falou: “Olha, o senhor sabe que eu tenho esse processo e tal.” Contou história da, do ódio que ele tinha com o Alisson. Falou: “Olha, isso está, eu sei que isso está na justiça, mas eu queria fazer uma proposta para o senhor, para o senhor levar para o ministro. Vocês estão resolvendo as pendências. O senhor vai fazer a seguinte proposta. Eu dou 10% de desconto no valor da...”

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Do imóvel.

JAFETE ABRAHÃO: “Da avaliação.” Boa tarde. Alguém quer café ou água? Tem leitão também assado.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Tem? Aí muda tudo. Não, obrigada.

JAFETE ABRAHÃO: Você podia trazer mais água para mim. Alguém quer?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Não, eu estou satisfeita.

JAFETE ABRAHÃO: Aí, o bom da história. “Eu dou 10% e 5% eu dou para o senhor, particularmente.” Eu falei: “O senhor quer que eu leve a proposta para o ministro?”, “Sim”, “Eu vou levar uma proposta para o senhor, o senhor tem interesse em fazer uma negociação, um acordo com 15% de desconto?” Falou: “Não, senhor. Com 10% de desconto.” Eu falei: “O senhor falou mais 5”, ele falou: “Não, mas 5 é para o senhor.”

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: À parte?

JAFETE ABRAHÃO: À parte.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Não pode aparecer.

JAFETE ABRAHÃO: Para o senhor, isso não pode ir para lá, isso não vai lá. Então está bom.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Os 90 que ele ia receber. 85% ficava com ele, 5%...

JAFETE ABRAHÃO: É, ele recebia 85 e me dava, recebia 90 e me pagava os 05. Obrigado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Alguém aceita água aí?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Não, obrigada.

JAFETE ABRAHÃO: Eu falei para ele: “Olha, isso não tem a menor possibilidade, isso já não está, não depende mais do Poder Executivo. Isso tá na justiça, é decisão da justiça. O Poder Executivo já não pode fazer mais acordo. Na justiça o processo”, “Não, mas você consegue.” Pediu outra audiência, foi lá e aumentou para 30%.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Olha.

JAFETE ABRAHÃO: 20 para a União e 10 para mim. Isso tudo com testemunha, hein? Nilson participava dessas reuniões. Até que ele desistiu, eu falei que não tinha jeito, eu não... Que eu agradecia. Ainda falei com ele assim, ministro: “Oh, Doutor Antônio, o salário do Governo Federal aqui no Incra é tão bom, mas tão bom que eu não tenho a menor necessidade de qualquer outra coisa. É um baita”, um cara velho, ele estava com uns 80, 81 anos, 82 anos nessa época. Eu não ia botar o cara para fora da sala, achar que aquilo era um, não, né, tenho uma testemunha e tal. “Não tem jeito, o senhor vai me desculpar, o senhor pode chegar a qualquer valor.” Aí ele desistiu e foi embora. Mas foi, é uma figura interessante.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O senhor acha que na época do assassinato do Elói...

JAFETE ABRAHÃO: Ele tenha tido participação?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É. O senhor acha, por essa história dele na região?

JAFETE ABRAHÃO: Não sei, não sei. Eu não conheço essa parte dele.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O que o senhor teve contato com ele foi isso, né?

JAFETE ABRAHÃO: Foi, a única vez que eu o recebi, duas vezes.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: A gente localizou uma pasta do Incra só sobre ele.

JAFETE ABRAHÃO: Sobre o quê, hein, que tem na pasta?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Ainda não analisamos. É só processo de terra.

JAFETE ABRAHÃO: Deve ser processo de legitimação.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É só processo.

JAFETE ABRAHÃO: Sabe? De arrecadação de compra de terras públicas.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É só processo.

JAFETE ABRAHÃO: É, vou te falar a verdade, essa, essa face dele de mandar matar, eu não sei. Eu não falo nem sim, nem não. Mas eu não... Olha, eu não percebi assim, sabe? As pessoas conseguem esconder, né.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É, na verdade a relação...

JAFETE ABRAHÃO: Não tenho nada a acrescentar assim, eu não sei. Uma outra coisa que tem é que ele tentou, quando da, lá, assumir terras que tinham sido desapropriadas, que não tinham sido utilizadas, né, e que tinha que ser, a União tinha que dar um jeito de utilizar essas terras.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Uhum.

JAFETE ABRAHÃO: Como a União não deu, eu nem sabia que existia isso. Um belo dia, um cara me telefona de lá, dizendo que o Antônio Luciano tinha derrubado uma cerca com trator e que estava fazendo plantio lá.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: No Norte de Minas?

JAFETE ABRAHÃO: Hein? Não, aqui no Padapi.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Ah, tá.

JAFETE ABRAHÃO: Mandei avisar. Mandei o Edgar Amorim. Edgarzinho ir lá. Acertou, foi na delegacia, mandou prender o trator. Aí ele me ligou. Fez outra ligação, porque que ele tinha perdido um trator. Eu falei: “O senhor está invadindo terra pública”, “Não, aquela terra é minha.” Falei: “Não, Doutor Antônio, conheço a sua história, não é. Aquilo está em nome da União, tem escritura daquilo, o senhor não pode fazer desse jeito.” Tentou mais uma vez ou duas vezes. Edgarzinho ficou lá até resolver o problema, na hora que cessou isso, nós devolvemos o trator para ele, não prendemos o tratorista, porque tinha decidido. E nem tomamos nenhuma providência contra ele, porque cessou a parte de invasão. Só isso que eu sei dele. E essa história, tinha um advogado que era meu amigo, é meu amigo ainda. Um dia eu encontrei com ele, ele estava com um pacote de papéis, que eram relação dos lotes que ele tinha em Belo Horizonte, das propriedades que ele tinha. Ele era advogado e nessa área. E ele era o encarregado de pagar o IPTU. Aí me mostrou e falou: “Olha, isso aqui é tudo raio”, foi passando as páginas, cada página lá tinha três, quatro lotes de inscrição, lote e o valor do IPTU. Era assim, um negócio assim...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Ele era voraz, né.

JAFETE ABRAHÃO: É.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Por terra. Nossa senhora.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Tudo bem, mais alguma consideração, Jafete, sobre algo?

JAFETE ABRAHÃO: Eu estou frustrado, que eu acho que eu não...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Ajudou bastante. Com certeza. O depoimento é muito importante.

JAFETE ABRAHÃO: Eu sinto não ter, que eu fiz o máximo de esforço...



INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Muito importante mesmo.

JAFETE ABRAHÃO: Porque está muito antiga as coisas. Eu não lembro o nome mais do pessoal.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Nossa, foi ótimo, excelente.

JAFETE ABRAHÃO: Lembrei do Moacir aí e tal. Lembrei do Fachin, lembrei do...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E nós podemos utilizar o depoimento no relatório para identificar (trecho incompreensível)?

JAFETE ABRAHÃO: Como é que é? Fala de novo.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Nós podemos utilizar o depoimento para fins de pesquisa no relatório da identificação de nomes, se for preciso?

JAFETE ABRAHÃO: Não entendi. Fala de novo. Eu vou autorizar, mas só não entendi o quê que é.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Esta gravação.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, essa aqui.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E as informações, né.

JAFETE ABRAHÃO: Ah, se pode utilizar? Pode.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Se eu posso utilizar.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: No relatório da Comissão da Verdade.

JAFETE ABRAHÃO: Pode, se tiver alguma coisa de proveito.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Eu tenho certeza que tem. Muito sim, muito obrigada.

Encerrado.